



# EXPLORANDO O DOMÍNIO DE ELISÃO EM ELIPSES DE SINTAGMAS PREDICATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

EXPLORING THE DOMAIN OF ELISION IN PREDICATE  
PHRASE ELLIPSIS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Francisco Iokleyton Araujo Matos<sup>1</sup>  
*Universidade Estadual de Campinas*

**Resumo:** Neste artigo, apontamos, tendo em vista o português brasileiro, evidências à ideia de que elipses de sintagmas predicativos (como em: você é um bom homem, mas Paulo não é [um bom homem]) correspondem a elipses no nível do DP/AP/PP, mas não no nível do VP, como previsto por Sato (2014), em face do fato de haver movimento da cópula na língua. Nossa argumentação se baseia nas seguintes considerações: (i) no PB, a elipse de um sintagma predicativo é sensível a alguma noção de predicação que prescinde do verbo; (ii) esse tipo de elipse dispensa a necessidade de identidade verbal; e (iii) nesses casos, adjuntos a VP não podem ser recuperados no sítio de elisão. Por fim, partindo de Nunes e Zocca (2009), demonstramos que, com relação a certos tipos de sintagmas predicativos, a disponibilidade de mismatch de traços-phi só pode ser explicada se considerarmos uma elisão mais baixa que a elisão do VP.

Palavras-Chave: Elipse; Sintagmas predicativos; Domínio de elisão.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: iokleyton@icloud.com.

---

**Abstract:** *Based on Brazilian Portuguese data, in this article we present evidence to the idea that predicative phrases ellipsis (such as: *você é um bom homem, mas Paulo não é [um bom homem]*) correspond to ellipses at the DP / AP / PP level, but not at the VP level, as predicted by Sato (2014), in face of the fact that there is verb movement in the language. Our arguments are based on the following considerations: in Brazilian Portuguese, (i) the predicate phrase ellipsis is sensitive to some notion of predication that dispenses with the verb; (ii) this type of ellipsis dispenses with the need for verbal identity; and (iii) in these cases, VP adjuncts cannot be recovered at the elision site. Finally, based on Nunes and Zocca (2009), we show that, with regard to certain types of predicate phrases, the availability of phi-feature mismatches can only be explained if we consider an elision lower than a VP one.*

Key-Words: *Ellipsis; Predicate phrase; Ellipsis domain.*

## INTRODUÇÃO

Entre estudiosos de elipse, há o consenso geral de que o tipo de elisão que se observa superficialmente nos exemplos de (1)-(3) a seguir, de diferentes línguas, corresponde estruturalmente à elisão de um mesmo tipo de constituinte, notadamente um constituinte verbal. Esse entendimento se mantém mesmo para casos como (2) e (3), em que a forma verbal flexionada recebe conteúdo fonológico, ou seja, não é silenciada.

### (1) INGLÊS

She won't laugh, but he will \_\_\_\_.

Ela vai-aux'não rir mas ele vai-aux.

'Ela não vai rir, mas ele vai [rir]'

### (2) HEBRAICO

Pergunta: Salaxt etmol et ha-yeladim le-beit-ha-sefer?

enviar-Pass-2sg ontem ACC as crianças para escola

'(você) enviou as crianças para a escola ontem?'

Resposta: Salaxti \_\_\_\_.

enviar-Pass-1sg

'(eu) enviei [ontem as crianças para a escola]'

(DORON, 1999, p. 129)

### (3) PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria não lava o arroz antes de colocar na panela, mas eu lavo \_\_\_\_ [o arroz antes de colocar na panela].

---

Os exemplos em (2) e (3), do hebraico e do Português Brasileiro (PB), instanciam o que se convencionou chamar de “*V(erb)-Stranding VP-Ellipsis*” (cf. GOLDBERG, 2005). Esse tipo de elipse de VP é particular de línguas em que o verbo principal se move para algum núcleo funcional acima de *vP*, de onde pode licenciar a elisão do constituinte verbal. Tal é o caso do hebraico e do PB, mas não do inglês, em que a elisão do verbo principal deve ser licenciada por um verbo auxiliar, como se vê em (1).

Apesar de relevantes para a discussão no presente artigo, os dados em (1)-(3) não ilustram o tipo de elipse que analisaremos. O nosso interesse incidirá sobre o tipo de elipse exemplificado a seguir, também observável translinguisticamente, mas para o qual não se tem uma análise homogênea em relação ao tipo do constituinte afetado, diferentemente do entendimento mais consensual que se tem em relação aos dados em (1)-(3).

(4) INGLÊS

You are not a good teacher, but John is \_\_\_\_.  
Você é.cópula não.neg um bom professor mas João é.cópula.  
‘Você não é um bom professor, mas João é [um bom professor].’

(5) GREGO

I Maria ine ikani, ala i Anna dhen ine \_\_\_\_.  
A Maria é.cópula capaz mas a Anna não.neg é.cópula.  
‘Maria é capaz, mas Ana não é [capaz].’

(MERCHANT, 2014, p. 10)

(6) PORTUGUÊS BRASILEIRO

João estava em boa forma, mas Maria não estava \_\_\_\_ [em boa forma].

Como vemos, línguas como o inglês, o grego e o português brasileiro, todas instanciam a elisão de um XP logo após um verbo copular, podendo esse XP ser superficialmente um DP (cf. 4), um AP (cf. 5) ou um PP (cf. 6). Quanto ao

---

domínio exato da elisão que inclui esse XP, uma certa problematização começa a surgir quando consideramos que essas línguas, incluindo o inglês<sup>2</sup>, são línguas em que o verbo copular se move para uma posição acima daquela em que é originalmente concatenado, como especularemos adiante.

Tal consideração possibilitaria, à primeira vista, uma análise do tipo *Verb-Stranding VP-Ellipsis* para os casos em (4)-(6), tanto quanto para aqueles em (1)-(3) (cf. SATO, 2014; AKMAJIAN; WASOW, 1975). Uma outra análise disponível na literatura é a de que tais casos constituiriam elipse de DP/AP/PP (McCawley, 1998; Baltin, 1995; Williams, 1984), a despeito do movimento de verbo.

Ao investigar casos de elipse de sintagmas predicativos no inglês envolvendo a cópula *be*, Sato (2014) observa uma interação extremamente forte entre movimento de verbo e elipse de VP em tais construções, de modo a chegar à seguinte previsão.

(7) Previsão que se extrai da tese de Sato (2014, cap. 3)

*Elipse de DP/AP/PP não será uma análise disponível para línguas em que a cópula se move para fora do vP.*

Para Sato, uma consequência direta do movimento da cópula é que o constituinte elidido nesses casos sempre corresponderá ao *vP*, e, por essa razão, certas propriedades de elipse de VP deverão ser observadas.

O principal propósito deste artigo é demonstrar que a escolha por uma das duas análises, isto é, elipse de VP ou elipse de DP/AP/PP, nem sempre pode ser argumentada em termos de presença/ausência de movimento do verbo copular. Fazemos isso trazendo para a discussão dados do PB.

---

<sup>2</sup> Com relação ao inglês, ao tratarmos de movimento do verbo copular, estaremos nos referindo exclusivamente à cópula *be*. Ver seções 1.1 e 1.2 para detalhes.

---

Sendo esse o nosso propósito, a pergunta que este artigo visa a responder pode ser formulada da seguinte maneira:

- *Considerando que verbos copulares no PB se movem para alguma posição acima da zona v-V, o que exatamente está sendo elidido em casos de elipse como o exemplificado em (6)?*

O artigo está organizado da seguinte maneira. Na próxima seção, apresentamos relativos detalhes das duas análises disponíveis na literatura para explicar elipses de sintagmas predicativos, dando maior relevo a uma análise de *Verb Stranding VP Ellipsis*, em especial à força dessa análise para explicar os dados do inglês. Ao longo da seção 2, apresentamos os argumentos que sustentam uma análise diferente para o PB.

## 1 VERB STRANDING VP ELLIPSIS COMO UMA OPÇÃO DE ANÁLISE PARA ELIPSES DE SINTAGMAS PREDICATIVOS

Desde Pollock (1989), o inglês é considerado uma língua em que o verbo principal não se move para o núcleo T. Uma consequência disso para casos de elipse como o exemplificado em (1) é que a elisão de um sintagma verbal (elipse de VP ou simplesmente VPE) nessa língua deve ser licenciada por verbos auxiliares, já que esses verbos estão em T, e é amplamente assumido que T deve licenciar a elisão nesses casos.

(8) a. John didn't leave, but Mary did \_\_\_ [VP leave].

João aux'não sair, mas Maria aux.

'João não saiu, mas Maria saiu.'

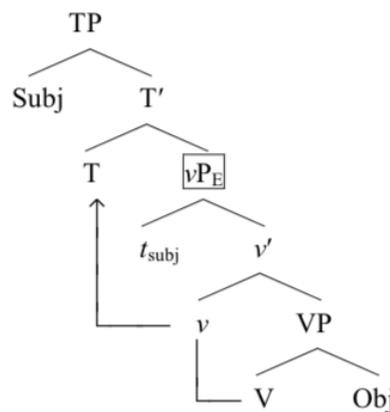
b. \* John didn't leave, but Mary \_\_\_ [VP left].

João aux'não sair, mas Maria.

Em línguas como o PB, ao contrário do inglês, a elisão de um constituinte verbal pode ser licenciada por verbos auxiliares, modais e, interessante, também por verbos principais (cf. CYRINO; LOPES, 2016). Nesse último caso, o verbo principal da sentença em que ocorre a elisão permanece fonologicamente realizado, e isso se explica exatamente pelo fato de, nessa língua, o verbo principal se mover para T – ou pelo menos para algum núcleo funcional entre TP e *v*P. Esse tipo específico de VPE foi batizado por Goldberg (2005) como *V(erb)-Stranding VP Ellipsis*, e é amplamente atestado não apenas no português (europeu e brasileiro), mas em uma série de outras línguas, como o hebraico, o irlandês, e a língua banto suaíli, línguas em que o fenômeno foi estudado por Goldberg (2005).

O esquema a seguir é representativo de *V-stranding VPE*, disponível em línguas que apresentam movimento de verbo. Uma vez que o complexo *V+v* se move para algum núcleo funcional acima de *v*P, de lá, a elisão de *v*P pode ser licenciada, como representado por  $vP_E$ .

(9) Representação de VPE em línguas com movimento de verbo



(adaptado de GOLDBERG, 2005, p. 4)

No PB, assumir essa análise requer uma série de cuidados, visto que o PB é uma língua conhecida por também licenciar objetos nulos anafóricos, o que

---

coloca o analista diante da questão não trivial de diferenciar, quando possível e necessário, a omissão de um constituinte verbal (*vP*) daquela que seria a omissão de um constituinte não verbal, como um DP complemento do verbo<sup>3</sup>.

Assim como apontamos anteriormente, uma questão semelhante, mas ainda não discutida para o PB, diz respeito à análise apropriada dos casos em que o XP superficialmente elidido é um predicativo, cuja natureza categorial pode ser a de um DP, de um AP ou de um PP.

- (10) a. Maria é um amor de pessoa, mas o irmão dela não é \_\_\_ [DP um amor de pessoa].  
b. Esse lacinho não ficou bacana, mas aquele ficou \_\_\_ [AP bacana].  
c. O seu país está em boas mãos, mas o meu país não está \_\_\_ [PP em boas mãos].

Uma vez que o PB é uma língua de movimento generalizado do verbo (cf. COSTA; GALVES, 2002; CYRINO, 2013; entre outros) – seja esse movimento para T, seja ele para um núcleo funcional mais baixo (*AspP*, por exemplo) –, a questão nada trivial que se instaura é a de determinar o tipo exato de elisão: nesses casos, teríamos uma instanciação de *V-Stranding VPE*, exatamente em função do movimento da cópula (cf. 9), ou teríamos apenas a elisão de um predicado não verbal DP/AP/PP (cf. 10), mesmo tendo a cópula se movido?

(11) *Análise de VPE*

- a. Maria é um amor de pessoa, mas o irmão dela; não [T é [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>SC</sub> t<sub>j</sub> DP um amor de pessoa]]].

---

<sup>3</sup> Remetemos o leitor a uma apreciação da proposta de Cyrino e Lopes (2016) para um entendimento mais amplo dessa questão.

- b. Esse lacinho não ficou bacana, mas aquele outro<sub>j</sub> [T ficou [<sub>VP</sub> ~~t~~ficou [<sub>SC</sub> ~~t~~<sub>j</sub> AP bacana]]].
- c. O seu país está em boas mãos, mas o meu país<sub>j</sub> não [T está [<sub>VP</sub> ~~t~~está [<sub>SC</sub> ~~t~~<sub>j</sub> PP em boas mãos]]].

(12) *Análise de elipse de um predicado não verbal*

- a. Maria é um amor de pessoa, mas o irmão dela<sub>j</sub> não [T é [<sub>VP</sub> ~~t~~é [<sub>SC</sub> ~~t~~<sub>j</sub> DP ~~um amor de pessoa~~]]].
- b. Esse lacinho não ficou bacana, mas aquele outro<sub>j</sub> [T ficou [<sub>VP</sub> ~~t~~ficou [<sub>SC</sub> ~~t~~<sub>j</sub> AP bacana]]].
- c. O seu país está em boas mãos, mas o meu país<sub>j</sub> não [T está [<sub>VP</sub> ~~t~~está [<sub>SC</sub> ~~t~~<sub>j</sub> PP em boas mãos]]].

As análises em (11) e (12) encerram as duas principais propostas que a literatura tem apresentado na discussão desse tipo de elipse no inglês, especialmente considerando estruturas com o verbo copular 'be'. Antes de discutirmos os dados do PB propriamente, vejamos uma proposta bastante convincente, segundo a qual a elisão de sintagmas predicativos envolvendo sentenças copulares no inglês, especificamente aquelas com a cópula *be*, são casos de elipse de VP, seguida de movimento da cópula.

### 1.1 Elipse de sintagmas predicativos em sentenças copulares no inglês

Sato (2014) discute qual das duas abordagens representadas em (11) e (12) é a mais adequada para o inglês, considerando a interação entre movimento do verbo copular<sup>4</sup> e a disponibilidade de VPE na língua.

<sup>4</sup> A respeito do movimento de *be* no inglês, sugerimos a leitura de Lasnik (1999) e referências lá citadas, para um entendimento fundamentado teórico e empiricamente.

---

Um importante fato observado no inglês é que, como qualquer outro verbo auxiliar, a cópula *be* pode aparecer antes de um sítio de elisão que inclua um predicado não verbal.

(13) a. You are a good teacher, and John is [~~a good teacher~~] too.  
Você é um bom professor e John é. cópula também  
'Você é um bom professor, e João também é.'

b. You are angry, and John is [~~angry~~] too.  
Você está irritado e John está. cópula também  
'Você está irritado, e João também está.'

c. You are in good shape, and John is [~~in good shape~~] too.  
Você está em boa forma e John está. cópula também  
'Você está em boa forma, e João também está.'

(SATO, 2014, p. 71)

Conforme discute Sato, um argumento em favor de que o que está sendo elidido nos casos em (13) é DP/AP/PP, mas não VP, viria da forma não flexionada da cópula *be*, que sugestivamente não sofreria movimento de V para T, como é possível argumentar a partir dos dados a seguir, em que a forma não flexionada segue a negação sentencial, enquanto a forma finita a precede.

(14) a. John will not be late.  
John aux não estar. cópula atrasado  
'João não vai se atrasar.'

b. \*John will be not late.  
John aux estar. cópula não atrasado

- (15) a. John is not late.  
 John está não atrasado  
 ‘João não está atrasado.’
- b. \*John not is late.  
 John não está atrasado

(SATO, 2014, p. 73)

Considerada essa observação, e constatado que a forma não flexionada *be*, assim como a forma finita, licencia elipse do seu complemento (ver 16), teríamos então um argumento para sustentar que, com ou sem movimento da cópula, a elisão em tais casos seria de um predicado não verbal DP/AP/PP.

- (16) a. You will be a good teacher, and John will [VP be [DP ~~a good teacher~~]] too.  
 Você aux ser um bom professor e John aux ser ~~teacher~~]] também  
 ‘Você vai ser um bom professor, e João também (vai ser).’
- b. You will be angry, and John will [VP be [AP ~~angry~~]] too.  
 Você aux estar irritado e John aux estar também  
 ‘Você vai ficar irritado, e João também (vai ficar irritado).’
- c. You will be in good shape, and John will [VP be [PP ~~in good shape~~]] too.  
 Você aux estar em boa forma e John aux estar ~~shape~~]] também  
 ‘Você vai ficar em boa forma, e João também (vai ficar).’

(SATO, 2014, p. 73)

---

Um argumento adicional para essa análise viria de *small clauses*, propriamente. Segundo Baltin (1995), esse tipo de elipse seria sensível a alguma noção de predicação, visto que, como os dados a seguir mostram, o antecedente da elipse pode ser de qualquer categoria gramatical, desde que seja um predicativo. Em (17), o predicado não verbal pode ser elidido a despeito de a sentença antecedente não conter a cópula *be*. Os dados em (18) mostram que um DP predicativo pode servir como antecedente para a elipse, mas um DP não predicativo não o pode.

(17) a. I consider Fred an excellent teacher, but I

Eu considero Fred um excelente professor mas eu  
don't think that Mary is [~~an excellent teacher~~].

aux'não penso que Mary é.cópula

'Eu considero Fred um excelente professor, mas eu não acho que Maria é.'

b. I consider Fred crazy, but I don't think that Mary is [~~crazy~~].

Eu considero Fred louco mas eu aux'não penso que Mary é.cópula

'Eu considero Fred louco, mas eu não acho que Maria é.'

c. I wanted Sally in Boston, but she's not [~~in Boston~~].

Eu queria Sally em Boston mas ela'está não

'Eu queria Sally em Boston, mas ela não está.'

(BALTIM, 1995, p. 233)

(18) a. \*I look for an excellent teacher for my children, but

Eu procuro por um excelente professor para meus filhos mas

I don't think that Fred is.

---

Eu aux'não penso que Fred é.copula

b. I look for an excellent teacher for my children, but

Eu procuro por um excelente professor para meus filhos mas

I don't think that Fred is an excellent teacher.

Eu aux'não penso que Fred é.copula um excelente professor

'Eu procuro um excelente professor para os meus filhos, mas eu não acho que Fred é um excelente professor.'

(BALTIM, 1995, p. 233)

Reunidos, todos esses fatos poderiam sugerir que os casos de elipse em (13) constituem elipse de um DP/AP/PP, a despeito de haver, nessas situações, movimento da cópula.

Sato (2014) aponta, entretanto, um problema significativo que essa análise encontraria no inglês. Se a elipse de um predicado não verbal DP/AP/PP estivesse de fato disponível no inglês, esperaríamos que esse tipo de elisão pudesse ocorrer mesmo quando o predicativo é selecionado por outros verbos copulares diferentes de *be*. Esse, no entanto, não é o caso, mesmo quando os XPs predicativos são idênticos.

(19) a. \* You seem a good teacher, and John seems [~~a good teacher~~] too.

Você parece um bom professor e John parece também

b. \* They sound intelligent, and John sounds [~~intelligent~~] too.

Eles parecem inteligentes e John parece também

c. \* Mary looks in good shape, and John looks [~~in good shape~~] too.

Mary parece em boa forma e John parece também

(OKU, 1998, apud SATO, 2014, p. 74)

Sato (2014) descarta, então, a análise de elipse de predicado não verbal no inglês, e argumenta em favor de uma análise de VPE. A seguir, apresentamos os argumentos do autor para a sua proposta de VPE em construções copulares.

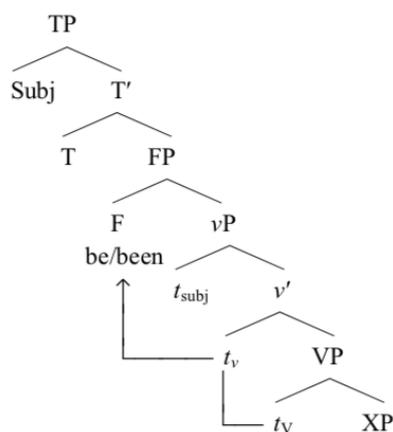
## 1.2 Por que *Verb-stranding VPE* parece ser a melhor proposta para o inglês?

A argumentação de Sato (2014) consiste primeiramente em demonstrar que mesmo a forma *be* não flexionada se move do VP para algum núcleo funcional a partir de onde é deixado como remanescente daquilo que seria, em sua proposta, uma elipse de VP.

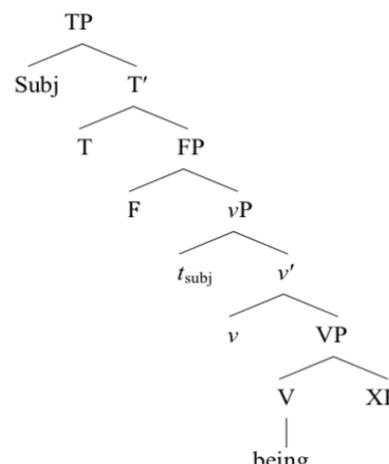
Seguindo Akmajian e Wasow (1975), Lobeck (1987), Blight (2000), Bošković (2004, 2014) e outros, Sato argumenta que *be* e *been* se movem para uma projeção funcional que domina a projeção *vP* do verbo principal, enquanto que *being* não faz o mesmo. Essa proposta é representada como segue.

(20)

a.



b.



(SATO, 2014, p. 75-6)

---

As evidências que o autor levanta para argumentar a respeito da presença ou ausência do movimento de *be*, como proposto em (20), vêm de fatos relacionados ao fronteamto de VP e também à distribuição de quantificadores. Passaremos ao largo dessa argumentação, a qual leva à conclusão de que *be* e *been* sofrem um curto movimento de verbo, enquanto *being* não o faz, e iremos direto às consequências dessa análise para casos de elipse. Os dados em (21) corroboram a expectativa de que *be* e *been* podem ser deixados como remanescentes de uma elipse de VP, já que essas formas verbais sofrem movimento. O mesmo não é esperado para *being*, que não sofre movimento.

- (21) a. Popeye was *being* obnoxious, and Olive **was**, too.  
'Popeye estava sendo desagradável e Olive também (estava).'
- b. \* Popeye was *being* obnoxious, and Olive was **being**, too.
- c. Popeye can *be* rather obnoxious, and Olive can **be**, too.  
'Popeye pode ser muito desagradável e Olive também (pode ser).'
- d. Popeye has *been* rather obnoxious, and Olive has **been**, too.  
'Popeye tem sido muito desagradável e Olive também (tem sido).'

(HARWOOD, 2014, apud SATO, 2014, p. 82)

Assim como a forma finita (21a), as formas não flexionadas *be* e *been* (21c,d) podem ser deixadas como remanescente do que para Sato (2014) só pode ser uma elipse de VP, já que todas essas formas sofrem movimento curto para fora do VP. Uma vez que, na proposta de Sato, a elipse de um predicado não verbal DP/AP/PP não está disponível no inglês, e considerando que a forma *being* não sofre movimento, (21b) só pode ser agramatical.

O que mais nos interessa da proposta de Sato (2014) são, no entanto, as predições que a sua proposta faz. Conforme veremos adiante, essas predições encontram certos problemas quando verificadas no PB. Tais predições são, portanto, motivadas pela consideração de que o que está em jogo é a elisão do VP, e elas são duas:

### Predição I

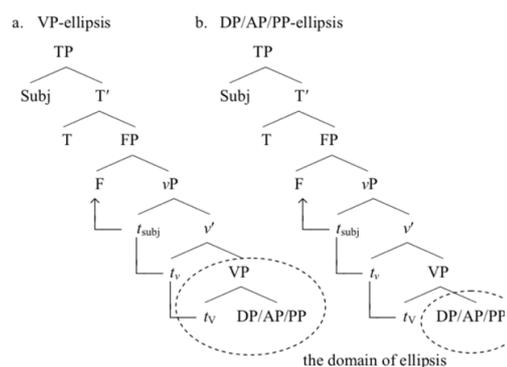
*O verbo da sentença elíptica deve ser idêntico ao verbo na sentença antecedente.*

### Predição II

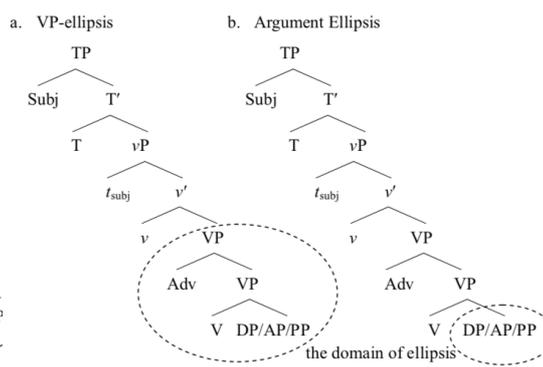
*Outros constituintes internos ao VP podem ser recuperados no sítio de elisão.*

Como vemos, tais predições estão diretamente associadas ao domínio da elipse. As representações em *b* de (22) e (23) – nas quais a elisão é mais baixa e inclui apenas o XP predicativo – são incompatíveis com as previsões I e II, considerando os dados do inglês. As representações em *a*, por outro lado, que incorporam uma elipse de VP, são compatíveis com as predições acima.

(22)



(23)



(SATO, 2014, p. 84-5)

A predição I, que se traduz como uma condição de identidade verbal, para ser verificada no inglês, requer dois verbos que sofrem movimento de

---

núcleo e licenciam a elisão de seus complementos. Sato (2014) explora essa questão utilizando, além do *be*, o verbo *have*, que no inglês britânico sofre movimento de T para C e também licencia a elisão do XP que o segue. Os dados em (24) justificam tal afirmação a respeito do *have*.

- (24) A: Have you a good dentist?  
'Você tem um bom dentista?'
- B: No, but my cousin has [~~a good dentist~~].  
'Não, mas meu primo tem.'

(SATO, 2014, p. 86)

O dado que segue põe, portanto, em discussão a predição I.

- (25) A: Have you a good dentist?  
'Você tem um bom dentista?'
- B: \* Yes, my cousin is [~~a good dentist~~].

(SATO, 2014, p. 86)

Sato (2014) considera que, se (24) é uma instância de elipse de VP, a causa para a agramaticalidade da sentença elíptica em (25) deve ser naturalmente atribuída à violação da condição de identidade entre os verbos. Se a elisão em (25) fosse de um DP argumento do verbo, a sentença não estaria sujeita à condição de identidade verbal, e seria, conseqüentemente, bem formada. Sendo uma cópia do verbo remanescente interpretada dentro do sítio de elisão, então a previsão I se confirma e tal confirmação constitui uma forte evidência para a análise de elipse de VP.

---

Quanto à predição II, uma análise de elipse de VP prevê que advérbios a VP devem ser recuperados dentro do sítio de elisão. Diferentemente, uma análise em termos de elipse de DP/AP/PP não sustentaria tal previsão.

Sato (2014) verifica essa predição utilizando um advérbio considerado “alto”, que não modifica predicados não verbais, e que pode se adjungir ao VP. Após examinar a distribuição do advérbio *probably* e concluir que esse advérbio sentencial pode se adjungir a um VP, Sato traz para a discussão o seguinte dado.

(26) You are probably a good teacher, and John is [e] too.

‘Você é provavelmente um bom professor, e João também (é).’

a. [e] = probably a good teacher ‘provavelmente um bom professor’

b. [e] = a good teacher ‘um bom professor’

De acordo com Sato, a sentença em (26) permite a interpretação em que o advérbio *probably* é interpretado no sítio de elisão (cf. 26a). Dentro de uma análise de elipse de DP, essa não seria uma opção. Ou seja, a possibilidade de interpretação do adjunto na frase elíptica corrobora uma análise de elipse de VP para o dado acima<sup>5</sup>.

Conforme vimos em (7), a proposta de Sato (2014) faz a previsão de que, uma vez que uma determinada língua apresente movimento de verbo copular para fora do *vP*, para todo caso de elipse de um sintagma predicativo a elisão incluirá uma cópia do *vP*, que se move e é deixado como remanescente do sítio de elisão. Esses serão, portanto, casos de elipse de VP, assim como sustenta Sato em relação a construções copulares com o *be* no inglês.

---

<sup>5</sup> Conforme demonstra Sato (2014, p. 95-7), mesmo quando a cópula *be* toma um AP ou um PP como complemento, o constituinte elidido pode ter uma interpretação contendo o advérbio sentencial. Além disso, o mesmo ocorre com a forma não flexionada.

---

Também como vimos já na introdução deste artigo, o PB é uma língua em que a cópula licencia a elisão de sintagmas predicativos. As previsões da proposta de Sato são, portanto, verificáveis nessa língua. Ao considerarmos que o PB é uma língua em que o verbo copular se move para fora do *vP*, somos levados a prever que VPE será a análise que melhor explicará os dados de elipse de sintagmas predicativos. Entretanto, com base nos mesmos argumentos apresentados por Sato (2014), e com um argumento adicional, a seguir demonstraremos que esse tipo de elipse no PB deve ser um pouco mais baixa que a elipse de um VP.

## 2 VERB-STRANDING VPE NÃO É A MELHOR ANÁLISE PARA O PB

Apesar de o PB ter sofrido uma perda parcial de movimento de verbo – o que pode ser argumentado em vista da perda de algumas formas verbais sintéticas, e do esvaziamento de significado temporal original de algumas dessas formas (cf. CYRINO, 2013) –, ainda podemos assumir que, nessa língua, o verbo ocupa alguma projeção funcional acima de *vP* (cf. COSTA; GALVES, 2002; CYRINO, 2013; TESCARI NETO, 2013; entre outros).

Em relação a verbos principais, evidência de que o verbo deixa *vP* pode ser explorada com base na sua posição em relação a certos advérbios que demarcam a fronteira do *vP*, como é o caso do advérbio '*bem*' (cf. COSTA, 1996).

(27) João *vê bem* as condições de pagamento antes de comprar um carro.

(CYRINO, 2013, p. 302)

---

Apesar de a literatura considerar generalizado o movimento de verbo no PB – o que faz pressupor que verbos copulares também se movem – os mesmos argumentos utilizados para diagnosticar o movimento de verbo principal não são convincentemente aplicáveis a verbos copulares. Todavia, um argumento plausível parece poder ser explorado a partir de construções com fronteamto de VP<sup>6</sup>.

Huang (1993) e Takano (1995) mostram que vários tipos de efeitos de reconstrução induzidos por fronteamto de predicado podem ser explicados se assumirmos que sintagmas predicativos fronteados contêm um vestígio/cópia do sujeito, e que esse vestígio/cópia causa violações de princípios de ligação. Com base nessa análise, podemos entender, seguindo Sato (2014, p. 77) ao analisar o fenômeno no inglês, que o constituinte fronteado em (28) é um vP.

- (28) João disse que ele seria chato e
- a. chato ele foi.
  - b. [<sub>vP</sub> t<sub>ele</sub> t<sub>foi</sub> chato]<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> ele foi t<sub>i</sub>].

Se essa análise estiver correta, ela representa um argumento indicando que o verbo copular deixa o vP no PB. (28) demonstra que, se a cópula é deixada para trás, isto é, não sofre fronteamto, e, se o constituinte fronteado é de fato um vP, conforme discute Sato (2014) com base em Huang (1993), então devemos concluir que o vP fronteado contém uma cópia da cópula, deixada lá em razão de ter se movido para T ou qualquer núcleo funcional acima do vP.

---

<sup>6</sup> Uma certa literatura, especialmente dedicada à análise do inglês, tem utilizado casos de fronteamto como o exemplificado em (28) – uma versão do fenômeno no PB – como mecanismo capaz de diagnosticar o movimento do verbo copular ‘be’. A esse exemplo, vejam-se Roberts (1998), Harwood (2014), Sato (2014) entre alguns outros.

---

Contrariamente à previsão da proposta de Sato (2014) (cf. 7), apesar de haver movimento da cópula, uma análise do tipo VPE não parece apropriada para o PB. A seguir, discutiremos as razões em torno desse entendimento.

## 2.1 A sensibilidade a alguma noção de predicação

Assim como demonstrado por Baltin (1995) no inglês, no PB, a elipse de sintagmas predicativos parece ser sensível a alguma noção de predicação. Essa sensibilidade à predicação independe do verbo, de tal maneira que a presença de um verbo copular na sentença antecedente não é uma exigência para a elipse (ver 29). Além disso, enquanto um DP predicativo pode servir como antecedente para a elipse, um DP de outra natureza parece não poder (ver 30).

- (29) a. Eu acho Maria uma excelente pessoa, mas o irmão dela não é [~~uma excelente pessoa~~].  
b. Eu acho João louco, mas o primo dele não é [~~louco~~].  
c. Eu queria os pratos em cima da mesa, mas eles não estão [~~em cima da mesa~~].
- (30) a. ??Eu procuro por um bom professor para o meu filho, mas eu não acho que Pedro é.  
b. Eu procuro por um bom professor para o meu filho, mas eu não acho que Pedro é um bom professor.

Desde que o XP antecedente seja um predicativo, não há a necessidade de uma cópula na sentença antecedente, como mostra (29). Se o DP não for um predicativo, a resolução da elipse causa um considerável ruído (30).

---

Os dados acima são, no entanto, inconclusivos, visto que algumas assunções poderiam sugerir que, em tais casos, a sensibilidade da elipse a uma estrutura de predicação é apenas ilusória. Poderíamos supor, por exemplo, a existência de uma estrutura de *small clause* com uma cópula fonologicamente nula nos casos em (29). Quanto a (30a), poderíamos entender sua degradação exatamente como resultado da ausência de um VP antecedente. Essas assunções corroborariam uma análise de elipse de VP.

Entretanto, uma análise de elipse de DP/AP/PP ganha força à medida que os fatos a seguir, relacionados mais diretamente ao domínio da elipse, são também considerados.

## 2.2 A elipse de sintagmas predicativos dispensa a necessidade de identidade verbal

Em (31) e (32) vemos que o tipo de elisão aqui em análise não requer que o verbo da sentença elíptica seja idêntico ao verbo na sentença antecedente. Tal constatação contraria a predição de identidade verbal formulada por Sato no âmbito de sua análise de elipse de VP para os dados do inglês.

(31) A: Você conhece um bom dentista?

B: Sim, meu primo é [~~um bom dentista~~].

(32) A: Você ficou surpreso com o resultado bom da prova?

B: Não. Mas os meus amigos todos estão [~~surpresos com o resultado bom da prova~~], porque eles pensam que eu não estudo nem um pouco.

---

Os dados acima mostram que os verbos da sentença elíptica e da sentença antecedente podem diferir sendo ambos verbos copulares (32), mas podem ainda diferir sendo o verbo que precede a elisão um verbo copular, enquanto o antecedente é um verbo principal, como é o caso de (31). O fato de que esse tipo de elisão dispensa uma condição de identidade verbal que é requerida em casos de elipses de VP sugere que esse tipo de elipse no PB se conforma mais a um caso de elipse argumental.

A disponibilidade, no PB, de elipse argumental, como é o caso dos conhecidos objetos nulos anafóricos, pode reforçar o entendimento acerca do tipo de elipse que estamos analisando como sendo elipse de DP/AP/PP.

Cyrino e Lopes (2016) argumentam que aquilo que comumente denominamos como objetos nulos anafóricos no PB são casos de elipse de DP. As autoras sustentam sua argumentação com base em quatro propriedades que têm sido associadas a elipse (de VP) na literatura: a disponibilidade de leituras *Strict/Sloppy*; paralelismo estrutural entre antecedente e sítio de elisão; licenciamento formal por uma categoria funcional que c-comande imediatamente a estrutura elidida; e leitura *E-type* disjuntiva.

Por questão de espaço, vejamos aqui apenas uma dessas propriedades, extraindo dos dados os fatos que nos interessam discutir. O dado a seguir ilustra as possibilidades de leitura estrita e *sloppy*, em um tradicional caso de objeto nulo anafórico no PB.

- (33) Ontem o João pôs o anel no cofre, mas o Pedro guardou \_\_\_ na gaveta.
- Pedro guardou na gaveta o anel que o João pôs no cofre (*leitura estrita*).
  - Pedro guardou na gaveta um anel diferente daquele que ... (*leitura sloppy*).

(CYRINO; LOPES, 2016, p. 8)

---

Como se sabe, desde Ross (1967), a disponibilidade de leitura *sloppy* é considerada um fato típico na interpretação de elipses de VP. Com base nessa e em outras propriedades comuns a elipses, Cyrino e Lopes (2016) argumentam que (33) deve ser apropriadamente analisado como uma instância de elipse (de DP). Observe-se que, diferentemente do que se prevê em relação a uma elipse de VP, a elipse em (33) – em que a elisão não incluiria um VP, mas apenas o DP – não requer que o verbo da sentença elíptica e o verbo da sentença antecedente sejam idênticos.

Contrariamente ao que estamos tentando demonstrar, seria possível argumentar, para o caso em (33), que as raízes dos verbos *pôr* e *guardar* preservam uma semântica mínima comum, e isso bastaria, em termos de identidade verbal, para sustentar uma análise de elipse de VP. Entretanto, o dado a seguir lança mais luz sobre essa questão.

- (34) Maria adora o gato dela, mas Joana odeia \_\_\_\_\_.  
a. Joana odeia o gato da Maria – *leitura estrita*.  
b. Joana odeia o gato da própria Joana – *leitura sloppy*.

Como vemos, com verbos semanticamente ainda mais distintos, a elipse do DP é completamente possível.

Sendo assim, a ocorrência de outras instâncias de elipse de DP no PB opera em favor de uma análise de elipse de DP/AP/PP para casos de elipse de sintagma predicativo, em oposição a uma análise de elipse de VP, esta última motivada apenas pelo fato de haver movimento do verbo copular na língua. Em ambos os casos (elipse de DP predicativo e não predicativo), não há razão para que o verbo seja interpretado no sítio de elisão, o que, conseqüentemente, não faz pesar sobre tais casos um requerimento de identidade verbal.

---

A seguir, demonstramos que uma outra previsão esperada para casos de elipse de VP não se confirma no PB, em se tratando do tipo de elipse sob análise.

### 2.3 Adjuntos a VP não podem ser recuperados no sítio de elisão

Se adjuntos relacionados à cópula não podem ser interpretados dentro do sítio de elisão, então temos mais um argumento em favor de uma análise de elipse de DP/AP/PP. Com o dado a seguir, exploramos esse fato.

(35) João ainda é muito rico, mas o irmão dele não é [ ].

a. [ ] = muito rico.

b. \*[ ] = ainda muito rico.

Observe-se que, no exemplo acima explorado, o advérbio *'ainda'* modifica, crucialmente, apenas a cópula, a despeito da posição em que ocorre (pré ou pós verbal). Em qualquer dos casos, o escopo desse advérbio é sobre a cópula.

(36) a. João **ainda** é muito rico.

b. João é **ainda** muito rico.

A indisponibilidade de (35b) mostra, portanto, que o advérbio não está no domínio da elipse, e, por essa razão, não pode ser interpretado. Note-se que o advérbio “muito”, que modifica o adjetivo “rico”, é obrigatoriamente recuperado, visto tratar-se da elisão de um AP por ele modificado.

---

Temos, nesse caso, mais uma razão para sustentar que, a despeito do movimento da cópula, a elipse é de um XP predicativo, mas não uma instância de *V-stranding VP ellipsis*.

Antes de apresentarmos as nossas observações finais, de modo a resumir a discussão, exploraremos a seguir um último argumento, derivado da proposta de Nunes e Zocca (2009), que diz respeito à possibilidade de alguns casos de *mismatch* de número e gênero em elipses de sintagmas predicativos. Conforme veremos, tal proposta contribui em grande sentido para o que vimos argumentando até aqui.

#### 2.4 *Mismatch de traços-phi como evidência para o tamanho da elipse*

Nunes e Zocca (2009) analisam casos gramaticais e agramaticais de elipses verbais e nominais no PB, nos quais não há uma completa identidade morfológica entre o antecedente e o constituinte elidido. Assumindo o pressuposto de que o material elidido deve refletir a identidade sintática do antecedente da elipse, esses autores propõem que casos gramaticais de *mismatch* podem ser devidamente explicados dentro de uma abordagem que considere que o material flexional de certos verbos e nomes é hospedado por categorias funcionais, e valorado ao longo da derivação, como em um sistema baseado em *Agree*, sugerido em Chomsky (2001).

Por uma questão de espaço, consideraremos aqui apenas a proposta dos autores para os casos de falta de isomorfismo envolvendo predicados adjetivais, como exemplificado em (37), a seguir.

- (37) a. O João é alto e a Maria também é. [alta]  
b. O João é alto e aqueles meninos também são. [altos]

---

Em (37a), observamos um *mismatch* de gênero e, em (37b), um *mismatch* de número entre o adjetivo elidido e o adjetivo na frase antecedente. A despeito desse aparente não isomorfismo morfológico, Nunes e Zocca (2009) propõem que identidade sintática está garantida para os exemplos em (37).

Os autores entendem que predicados adjetivais entram na derivação em sua forma nua, isto é, não flexionados para traços-*phi*, sendo tais traços flexionais gerados e hospedados em uma projeção funcional que domina o adjetivo, e dedicada a esse fim, tal como AgrP. Os traços flexionais de adjetivos no PB seriam, portanto, valorados ao longo da derivação.

A derivação da primeira frase em (37a), por exemplo, que inclui o antecedente da elipse, se daria conforme os dois passos representados em (38).

(38) a. [AgrP Agr<sub>masc.sg</sub> [AP alt- o João]]

b. [[O João] é [AgrP Agr<sub>masc.sg</sub> [AP alt-]]]

(NUNES; ZOCCA, 2009, p. 189)

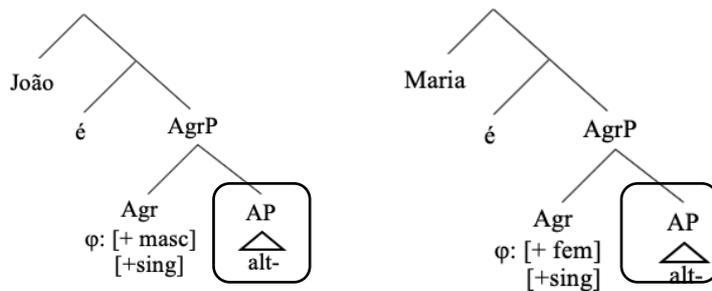
Como propõem os autores, primeiramente o núcleo Agr sonda o AP e valora como masculino/singular os seus traços-*phi* [-interpretáveis], conforme (38a). Em seguida, o DP “o João”, gerado dentro do AP, sobe para [Spec, TP], como mostra (38b). Ficam inexploradas, na proposta de Nunes e Zocca, considerações a respeito de onde/como se dá a concatenação entre Agr e o adjetivo: se na sintaxe, por meio de movimento de núcleo ou no componente fonológico, por meio de *morphological merger*. Para os nossos propósitos, o aspecto crucial da proposta desses autores é que a elipse do adjetivo na segunda frase, em (37a), pode ser licenciada se a condição de identidade é calculada com respeito a adjetivos nus, como visto em (39) a seguir. O mesmo valeria para (37b), em que está em jogo *mismatch* de número.

- (39) a. [[O João] é [AgrP Agr<sub>masc.sg</sub> [AP alt-]]]  
 b. [[a Maria] também é [AgrP Agr<sub>fem.sg</sub> [AP alt-]]]

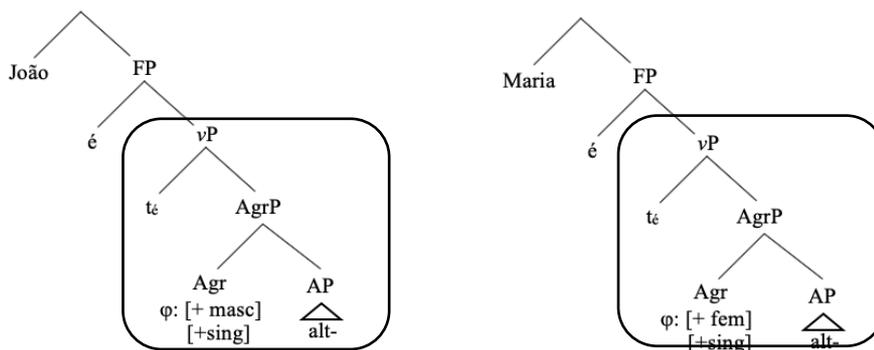
(NUNES; ZOCCA, 2009, p. 189)

Se esse tipo de elipse é licenciada por um núcleo funcional do tipo Agr, alocado entre a cópula e o sintagma adjetival, mas não por um outro núcleo funcional (FP, em 40b) que tome a cópula como seu complemento, a condição de identidade em tais casos está garantida. As representações em (40) tornam mais clara essa proposta.

- (40) a. Sítio de elisão baixo



- b. Sítio de elisão alto



Como vemos em (40a), se o sítio de elisão é mais baixo e inclui apenas o AP, nós podemos corretamente explicar não só a disponibilidade de *mismatch* quanto a traços-*phi*, como também podemos agregar mais um argumento em

---

favor da análise de uma elipse de DP/AP/PP, o que evidentemente contraria a previsão de Sato (2014), apresentada em (7).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos como uma análise de elipse de VP funciona, sem maiores problemas, para explicar elipse de sintagmas predicativos em estruturas copulares no inglês. Vimos que tal proposta, assim como formulada em Sato (2014), prevê que línguas cujo verbo copular se move para fora do *vP* devem manifestar determinadas propriedades esperadas para elipses de VP. Entre essas propriedades, estão a necessidade de identidade verbal entre verbo antecedente e cópia do verbo deixada no sítio de elisão, e a recuperabilidade de adjuntos a VP. Argumentamos que o PB, no entanto, contraria tais previsões, visto que, nessa língua – em que a cópula supostamente se move para fora do *vP* –, o tipo de elisão aqui em tela dispensa uma exigência de identidade verbal, e não permite a interpretação de adjuntos a VP.

Para além disso, como vimos na seção 2.1, a elipse de sintagmas predicativos parece ser sensível a alguma noção de predicação que ignora a presença da cópula, o que nos leva a entender que a estrutura relevante para o cálculo de identidade é a estrutura que segue a cópula, mas não a inclui. Por fim, um último apoio à análise de que o que está sendo elidido é DP/AP/PP nos dados do PB foi explorado a partir da proposta de Nunes e Zocca (2009), que é capaz de explicar casos gramaticais de *mismatch* morfológico sob elipse de sintagmas adjetivais desde que esse tipo de elisão incida sobre um constituinte mais baixo que o *vP*. Por essas razões, concluímos que a presença/ausência de movimento do verbo copular em uma dada língua não é capaz de prever adequadamente o melhor tipo de análise para a elipse de sintagmas predicativos.

---

## REFERÊNCIAS

- AKMAJIAN, Adrian; WASOW, Tomas. The Constituent Structure of VP and AUX and the Position of the Verb BE. *Linguistic Analysis*, v. 1, p. 205-245, 1975.
- BALTIN, Mark. Floating Quantifiers, PRO, and Predication. *Linguistic Inquiry*, v 26, p. 199-248, 1995.
- BLIGHT, Ralph. C. VP Ellipsis, Predicate Fronting, and Verb Position in English. *MIT Working Paper in Linguistics*, v. 37, p. 1-13, 2000.
- BOŠKOVIĆ, Željko. Be Careful Where You Float Your Quantifiers. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 22, p. 681-742, 2004.
- BOŠKOVIĆ, Željko. Now, I'm a Phase, Now I'm not a Phase: On the Variability of Phases with Extraction and Ellipsis. *Linguistic Inquiry*, v. 45, p. 27-89, 2014.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. *Ken Hale: A life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- COSTA, João. Adverb positioning and V-movement in English. *Studia Linguistica*, v. 1, p. 22-34, 1996.
- COSTA, João; GALVES, Charlotte. External subjects in two varieties of Portuguese. In: BEYSSADE, C.; BOK-BENNEMA, R; DRIJKONINGEN, F; MONACHES, P. *Romance Languages and Linguistic Theory 2000: Selected papers from Going Romance 2000*. Amsterdam: John Benjamins. 2002, p. 109-125.
- CYRINO, Sônia. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, M. V.; JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, A.; MARTÍN-GONZÁLEZ, J.; REYES-TEJEDOR, M. *Information structure and agreement*. Amsterdam: John Benjamins 2013, p. 297-317.
- CYRINO, Sônia; LOPES, Ruth Elizabeth V. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *Linguistic Review*, v. 33, p. 483-502, 2016.
- DORON, Edit. V-movement and VP Ellipsis. In: LAPPIN, S.; BENMAMOUN, E. *Fragments: Studies in Ellipsis and Gapping*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 124-140.
- GOLDBERG, Lotus. *Verb-Stranding VP Ellipsis: A Cross-Linguistic Study*. 2005. Tese, McGill University.
- HARWOOD, William. Rise of the Auxiliaries: A Case for Auxiliary Raising vs. Affix Lowering. *The Linguistic Review*, v. 31, n. 2, p. 295-362, 2014.
- HUANG, James. Reconstruction and the Structure of VP: Some Theoretical Consequences. *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 103-138, 1993.
- LASNIK, Howard. Verbal Morphology: Syntactic Structures Meets the Minimalist Program. In: LASNIK, H. *Minimalist Analysis*. Malden: Blackwell, 1999, p. 97-119.

- 
- LOBECK, Anne. VP Ellipsis in Infinitives: Infl as a Proper Governor, NELS 17, p. 425-441, 1987.
- McCRAWLEY, James. D. *The Syntactic Phenomena of English*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1998.
- MERCHANT, Jason. Gender Mismatches under Nominal Ellipsis. *Lingua*, v. 151, p. 9-32, 2014.
- NUNES, Jairo; ZOCCA, Cynthia. Lack of morphological identity and ellipsis resolution in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2009, v. 142, p. 215-236.
- OKU, Satoshi. *A Theory of Selection and Reconstruction in the Minimalist Perspectives*. 1998. Tese, University of Connecticut.
- POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424, 1989.
- ROBERTS, Ian. Have/Be Raising, Move F, and Procrastinate. *Linguistic Inquiry*, v. 29, p. 113-125, 1998.
- ROSS, John Robert. *Constraints on variables in syntax*. 1967. Tese, Cambridge University.
- SATO, Motoki. *The syntax of VP-ellipsis*. 2014. Tese, Tohoku University.
- TAKANO, Yuji. Predicate Fronting and Internal Subjects. *Linguistic Inquiry*, v. 26, p. 327-340, 1995.
- TESCARI NETO, Aquiles. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Study*. 2013. Tese, Università Ca'Foscari Venezia.
- WILLIAMS, Edwin. There-Insertion. *Linguistic Inquiry*, v. 15, p. 131-153, 1984.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28 de agosto de 2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 04 de fevereiro de 2020.